

A PRODUÇÃO DE VÍDEOS COMO AGENTE MOTIVADOR NO APRENDIZADO DE INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA NO ENSINO MÉDIO

VIDEO PRODUCTION AS A MOTIVATIONAL AGENT FOR ENGLISH AS A FOREIGN LANGUAGE LEARNING IN HIGH SCHOOL

Alexandre Bueno Santa Maria¹

RESUMO: Este trabalho investiga a eficácia de uma atividade de produção de vídeos como agente motivador do aprendizado de Inglês como língua estrangeira entre alunos da primeira série do ensino médio de um colégio privado da cidade de São João da Boa Vista – SP. Foi solicitada aos alunos a criação de pequenos vídeos sobre músicos e bandas de sucesso nas décadas de 50, 60, 70 e 80. O objetivo foi observar se esta atividade traria progressos motivacionais observáveis no comportamento dos alunos e no rendimento acadêmico.

Palavras-chave: Motivação; vídeo; Inglês como língua estrangeira; ensino médio.

ABSTRACT: This paper investigates the effectiveness of a video production activity as a motivational agent in favor of learning English as a foreign language among high school first graders in a private school in the city of São João da Boa Vista – SP. The students were asked to create short video passages about successful musicians and bands in the 50's, 60's, 70's and 80's. The goal of this research was to check if this activity would yield observable motivational progress in students' behavior and academic scores.

Keywords: Motivation; video; English as a foreign language; high school.

¹ Licenciado em Letras com habilitação em Português e Inglês pela Universidade de Franca.

INTRODUÇÃO

O assunto discutido neste artigo é o resultado de uma pesquisa a que visou investigar a eficácia de uma atividade de produção de vídeos em duas turmas de primeiro ano do ensino médio em um colégio privado da cidade de São João da Boa Vista-SP como agente motivador do aprendizado de Inglês como Língua Estrangeira (ILE, doravante).

Ensinar no Brasil é um desafio enfrentado por milhares de profissionais diariamente. Não é preciso ser especialista em educação para constatar que este setor ainda é carente e desprivilegiado pelas políticas públicas em nosso país. Em nome da busca por qualidade de ensino, muitas famílias procuram a rede privada, onde, na maioria dos casos, encontram melhores recursos pedagógicos e professores.

Embora as condições gerais dos colégios particulares costumem superar as dos da rede pública, o trabalho do professor ainda é árduo e exigente. Nossos alunos fazem parte de uma geração que cresceu em um mundo inundado de informações, as quais eles muitas vezes não possuem parâmetros para filtrar. Os pais nunca estiveram tão distantes de seus filhos devido à necessidade de trabalhar exaustivamente para sustentar seu padrão de vida.

Neste contexto, ensinar ILE se configura um desafio ainda maior para os professores, uma vez que enfrentam salas de aula extremamente heterogêneas e muitas vezes desmotivadas em função de uma série de fatores.

Entre as causas de desmotivação mais citadas por alunos é comum escutar que não vivenciarão necessidades reais do uso do idioma e, portanto, não têm motivo para se dedicar a aprendê-lo; que sofreram traumas no aprendizado por sempre terem tido professores ruins; que simplesmente não gostam de Inglês; ou que consideram esta uma língua difícil. Por estes e outros motivos não é difícil encontrar manifestações de indisciplina e alunos extremamente relutantes durante as aulas de ILE.

De fato, dadas as dimensões continentais de nosso país e os diferentes rumos que os alunos seguem ao final do ensino médio, alguns deles jamais precisarão dominar alguma habilidade comunicativa da língua inglesa. Entretanto, aqueles que continuarem sua formação acadêmica e cursarem o ensino superior dificilmente se formarão sem ter contato com pelo menos uma publicação em Inglês. É neste momento que aqueles alunos que ignoraram as oportunidades de aprender o idioma no passado procuram soluções milagrosas em curto prazo, o que, como profissionais da área de idiomas, sabemos que é muito difícil.

1. REVISÃO DE LITERATURA

1.1 MOTIVAÇÃO

A palavra motivação tem sua raiz etimológica na palavra latina *movere*, que significa ‘mover’. Embora não haja um consenso extremamente rígido a respeito deste termo, na psicologia científica ele é utilizado por teóricos sempre levando em consideração este conceito de movimento. A motivação é definida como a energização e a direção do comportamento, e é muito importante, uma vez que prediz e explica o comportamento.

Quando se fala em motivação, estamos nos referindo a um construto hipotético, uma abstração, o que impossibilita sua observação em forma concreta. Entretanto, ela se liga intimamente a comportamentos, que, por sua vez, são observáveis. Especificamente, podemos inferir a motivação a partir da observação dos movimentos de indivíduos. Tais movimentos geralmente aparentam ser sistemáticos, ao invés de randômicos, e presumimos que a força que os impulsiona e direciona seja a motivação. Desta forma a motivação explica o comportamento, não o descreve.

A motivação se focaliza em duas questões primárias – **porque** e **como** se dá o comportamento. Estas questões remetem aos aspectos de energização e direcionamento, respectivamente. O ‘porquê’ representa as razões pelas quais um indivíduo é energizado ou impulsionado a iniciar um determinado tipo de comportamento. Este ‘porquê’ se fundamenta no que o psicólogo pioneiro William James chamou de “*springs of action*”² – o ímpeto fundamental do comportamento, que orienta um indivíduo na direção de um determinado movimento. Esta descrição não assume que o indivíduo seja passivo até ser instigado a uma ação; pelo contrário, considera as pessoas perpetuamente ativas, mas vê a instigação como uma mudança na orientação das ações (SALKIND, 2008).

A forma como se dá o comportamento representa a canalização da energia de maneira precisa. Para a compreensão do comportamento motivado é preciso levar em conta todos os aspectos citados.

Uma consideração essencial a respeito da motivação é que ela pode ocorrer a favor ou contra uma ação, como já observou o filósofo Arthur Schopenhauer no século XIX. As pessoas podem se sentirem motivadas a desempenhar ou a evitar um determinado comportamento.

As manifestações comportamentais da motivação, tanto físicas quanto psicológicas, são frutos de estímulos. Quando considerados positivos, os estímulos produzem um comportamento de aproximação (física ou psicológica) da atividade a eles ligada, ao passo que, quando vistos como

² “molas da ação”.

negativos, produzem o efeito oposto, de afastamento (também físico ou psicológico) de tal atividade. O movimento de aproximação pode representar a conquista de algo positivo que esteja ausente no momento, ou a manutenção de tal elemento caso este esteja presente; assim como o movimento de afastamento pode representar tanto o ato de evitar um ponto negativo iminente, como mantê-lo distante caso ele já exista. Portanto, a motivação de aproximação não apenas envolve a promoção de novas situações positivas, como por exemplo, estudar para se formar no ensino superior, mas também se relaciona a manter e sustentar situações positivas existentes, como trabalhar para manter boas notas sempre constantes. A motivação de afastamento funciona de forma análoga, porém envolve situações negativas. Ela pode tanto levar o indivíduo a evitar situações negativas que possuam chance de se tornarem realidade, como estudar para não ser reprovado em química no colégio, como também a escapar de elementos negativos já existentes, por exemplo, mudar de apartamento para se livrar de um vizinho que incomoda muito.

Embora a motivação represente uma força interna em um indivíduo, ela é influenciada tanto por fatores internos como externos. Os fatores internos incluem predisposições biológicas, afetivas e cognitivas que possam ter impacto direto nas tendências de comportamento, como por exemplo, a vontade de ir ao banheiro durante uma aula ou de telefonar para um amigo em um momento de solidão. Fatores externos podem incluir a cultura, que imprime no indivíduo uma série de suposições e práticas que lhe estabelecem uma visão de mundo; a socialização com os pais; outros adultos em posição de liderança; semelhantes que influenciem e moldem valores específicos, como crenças e padrões comportamentais; e contextos ambientais e sociais, que dão pistas a respeito do tipo de comportamento que se espera em determinadas situações, como regras de etiqueta em um restaurante de luxo.

Os fatores externos possuem um grande papel no desenvolvimento dos elementos internos, porém, uma vez estabelecidos, os fatores internos passam a agir como filtro através dos quais os externos são interpretados. Todos estes fatores estão com constante interação, gerando assim traços visíveis no comportamento.

1.1.1 A motivação no contexto educacional

Segundo Brown (1994), motivação é provavelmente o termo mais usado como explicação para sucesso ou fracasso em qualquer tarefa complexa. É comum assumir que o sucesso em uma determinada tarefa se deve ao fato do indivíduo estar ‘motivado’. É fácil dizer que o aluno de ILE terá sucesso se estiver corretamente motivado. Tais afirmações não são completamente errôneas, visto que inúmeros estudos e experimentos sobre aprendizado mostraram que motivação é essencial ao êxito. Entretanto, tais afirmações não podem ser apenas lançadas ao acaso, sem se considerar o

que a motivação realmente é e quais são seus componentes. Na prática, o que significa dizer que alguém está motivado? Como se cria, estimula e mantém motivação?

Skinner observou que a motivação estava ligada à idéia de recompensa. Praticamente tudo que fazemos é inspirado e dirigido por um sentido de objetivo, e, de acordo com Skinner (1953), “a antecipação de recompensa é o fator mais poderoso no direcionamento do comportamento”, o que Brown sintetiza desta forma:

Human beings are universally driven to act, or “behave”, by anticipation of some sort of reward – tangible or intangible, short term or long term – that will ensue as a result of the behavior.³
(BROWN, 1994, p. 58.)

As implicações deste conceito na sala de aula são óbvias, como, por exemplo, podemos perceber que palavras de incentivo a respostas corretas e notas que reflitam um bom resultado indubitavelmente elevam o moral do aluno. Este tipo de recompensa em curto prazo (no momento da aula) traz ao aluno pequenas doses de motivação para que este consiga atingir um objetivo em longo prazo (aprender Inglês). Contudo, vale salientar que este tipo de estímulo, quando não observado e administrado com cuidado pelo professor pode gerar no aluno dependência de recompensas em curto prazo no aluno, o que fica explícito quando este olha para o professor e para os outros alunos a procura de aprovação o tempo todo na sala de aula, prejudicando assim seu sistema de auto-recompensa, o qual se caracteriza pela motivação oriunda da satisfação pessoal com o êxito em aprender uma nova língua.

Mas o que é necessário para motivar alunos a aprenderem Inglês? Quando se trata de seres humanos, não há regra sólida para fazer com que a motivação apareça. Os autores da psicologia trazem suas teorias ricas e complexas a respeito deste assunto, mas na prática muito pouco ainda é pesquisado em relação à aplicação em sala de aula. Somente nos últimos vinte anos pesquisadores têm dado maior importância a este fato.

Por mais que estudemos, ainda nos deparamos com a questão que norteia este trabalho: como podemos motivar nossos alunos? A resposta de Martin Ford (in Dörnyei, 2001) se mostra muito razoável:

There are no magic motivational buttons that can be pushed to ‘make’ people want to learn, work hard, and act in a responsible manner. Similarly, no one can be directly ‘forced’ to care about something... Facilitation, not control, should be the guiding idea in attempts to motivate humans⁴

³ “Os seres humanos são universalmente levados a agir, ou “comportar-se”, pela antecipação de algum tipo de recompensa – tangível ou intangível, em curto ou longo prazo – que terá como consequência um resultado no comportamento.” (BROWN, 1994, p. 58.) - Tradução do autor.

⁴ “não existem botões de motivação que podem ser apertados para ‘fazer’ as pessoas quererem aprender, trabalhar duro, ou agir de maneira responsável. Da mesma forma, ninguém pode ser diretamente ‘forçado’ a se importar com algo...

(Martin Ford, 1992, p. 202)

Mas quem pode ser motivado? Muitas das técnicas mostradas nos livros são montadas sobre o pressuposto de que todos os alunos possam ser motivados de forma semelhante. Contudo, o que se observa é que nem todos respondem a estímulos de motivação da mesma maneira. Mesmo aqueles que respondem positivamente a um estímulo ao estudo respondem de maneiras distintas. Embora tenhamos um grande desafio neste ponto, compartilho da opinião de Dörnyei (2001), que afirma que mesmo havendo tais diferenças entre os indivíduos, a motivação de cada um deles pode ser ‘trabalhada’ ou ‘elevada’.

Embora recompensas e punições pareçam ser as únicas ferramentas motivacionais presentes nas aulas de muitos professores, a gama de outras atividades potencialmente eficazes é tão grande que só se limita à imaginação.

De acordo com Dörnyei (2001), inicialmente, uma das melhores formas se de motivar os alunos é através da qualidade de nossas aulas, da clareza na explicação das tarefas e do domínio do que se pretende ensinar. Neste ponto julgo importante evocar a Lista de Clareza Instrucional de Wlodkowski (WLODKOWSKI, 1986):

Lista de Clareza Instrucional de Wlodkowski

1. Explique as coisas de forma simples.
2. Dê explicações que entendemos.
3. Ensine a uma velocidade que não seja nem tão rápida e nem tão lenta.
4. Continue em um tópico até que o entendamos.
5. Tente descobrir quando não entendemos e repita a explicação.
6. Ensine as coisas passo-a-passo.
7. Descreva o trabalho a ser fazer e como fazê-lo
8. Pergunte se sabemos o que fazer e como fazê-lo.
9. Repita as coisas quando não entendemos.
10. Explique algo e então utilize um exemplo para ilustrá-lo.
11. Explique algo e pare para que possamos fazer perguntas.
12. Prepare-nos para o que faremos em seguida.
13. Dê detalhes específicos quando estiver ensinando ou dando treinamento.
14. Repita aquilo que é difícil de entender.
15. Utilize exemplos e explique-os até que entendamos.
16. Ao explicar algo, pare para que possamos pensar a respeito.
17. Mostre-nos como fazer o trabalho.
18. Explique a tarefa e os materiais necessários para realizá-la.
19. Enfatize pontos difíceis.
20. Mostre exemplos de como fazer as atividades do curso e as tarefas.
21. Dê-nos tempo suficiente para praticar.
22. Responda nossas perguntas.
23. Faça perguntas para descobrir se entendemos.
24. Repasse as tarefas difíceis até que entendamos como realizá-las.

Embora existam várias pesquisas a respeito de motivação, a grande maioria delas não contempla o cenário escolar brasileiro, mas sim contextos em que alunos buscam aprender o idioma

vivendo países de Língua Inglesa e estudando em institutos especialistas em idiomas. Um dos poucos trabalhos disponíveis sobre o tema no Brasil é o de Baghin, que em 1993 conduziu um estudo exploratório acerca da motivação na aprendizagem de ILE no contexto de uma escola pública comprometida com ensino interdisciplinar. A pesquisa analisou sujeitos de uma turma de quinta série (sexto ano do ensino fundamental), com um total de 28 alunos (15 meninos e 13 meninas). A autora visava estudar a motivação dos alunos para aprender Inglês; e entender como esta se manifestaria nos alunos no ambiente de sala de aula, naquele contexto específico de aprendizagem, e se havia fatores que pudessem estimular ou desestimular a motivação naquele ambiente. Baghin fez uso de notas de campo (de todas as aulas do ano letivo), diversos questionários, registros de aulas em áudio e vídeo e de um diário dialogado entre a pesquisadora, a professora e os alunos. Neste estudo, a autora relata dois pontos importantes: segundo os alunos, os fatores lingüísticos e metodológicos seriam os mais apontados como influenciadores da motivação em sala de aula; e a importância do papel do professor como influenciador da motivação dos alunos a aula e aprendizagem da língua-alvo.

Segundo Dörnyei, um grande fator de desmotivação se caracteriza quando o conteúdo trabalhado na sala de aula não é relevante para o aprendiz. Alunos tendem a pensar que estão aprendendo, mas não o que precisam.

Algumas das maneiras de se elevar a satisfação dos alunos, de acordo com Dörnyei, são buscar extrair sentido do conteúdo estudado e ligá-lo à realidade do aluno e, monitorar o progresso das atividades, separar um tempo para celebrar o sucesso, tornar o progresso tangível a partir da confecção de registros visuais e da promoção de eventos regulares que envolvam a exposição pública destes trabalhos.

Dörnyei também defende o trabalho em grupo também como grande fortalecedor da autonomia dos discentes, uma vez que estes têm a tarefa de se organizarem, dividirem tarefas e trabalharem sem a supervisão de um líder externo, neste caso o professor.

2. METODOLOGIA

2.1 PERFIL DA CIDADE DE SÃO JOÃO DA BOA VISTA E DESCRIÇÃO DA PESQUISA

São João da Boa Vista está situada no leste do estado de São Paulo, na mesorregião de Campinas, e possui cerca de 83.400 habitantes.

A cidade possui mais de mil e quinhentos estabelecimentos comerciais apoiados e fomentados por uma Associação Comercial e Empresarial atuante e de fundamental importância para o setor.

Na agricultura, São João da Boa Vista destaca-se pela produção de milho, batata, café, feijão, e principalmente cana-de-açúcar. Na pecuária, o principal produtos é o gado de corte. A região se destaca também pela presença de uma usina de cana-de-açúcar.

Entre os todos setores econômicos do município, o que mais apresenta sinais de expansão é o industrial, segundo o Censo Empresarial e Comercial do Instituto de Pesquisa Net Town e o Censo do IBGE em 2000. A atual política de industrialização oferece uma série de benefícios visando atrair investimentos em diversos setores.

A cidade possuía muitas escolas distintas na educação privada no passado recente, mas devido às pressões econômicas temos observado a fusão de algumas empresas. Hoje a cidade conta com quatro escolas particulares de ensino médio.

O ambiente no qual esta investigação ocorreu foi um colégio privado de ensino médio; e os sujeitos de pesquisa foram alunos de duas salas de primeira série, às quais faremos referência como sala A e B, compostas por 50 e 51 alunos, respectivamente. Apenas a sala A participou da atividade descrita neste artigo, para que fosse possível estabelecer comparação com a outra sala. Na sala B o conteúdo do bimestre foi trabalhado de forma tradicional, com aulas expositivas e apresentações de slides feitas pelo professor. Os grupos de alunos formados na sala em que a experiência ocorreu serão denominados utilizando números romanos.

Os métodos adotados foram observação dos alunos em sala da aula e confecção de notas de campo, apreciação do material em vídeo produzido por eles e um questionário a respeito da motivação durante o processo. Em respeito à ética profissional e científica, serão omitidos o nome da escola e as identidades de seus alunos. Para efeito didático, faremos referência aos alunos-sujeito da pesquisa utilizando números cardinais.

O material do primeiro ano do ensino médio deste colégio, no segundo bimestre, apresenta o conteúdo por meio de uma jornada histórica e cultural ao mundo da música das décadas de 50, 60 e 70.

Para que houvesse maior envolvimento dos alunos com a cultura dos países de língua Inglesa e se trouxesse trabalho prático para a aula, optei por adicionar ao conteúdo também os anos 80 e promover a produção de vídeos com pequenos documentários e apresentações artísticas musicais.

A presente geração possui muita intimidade com recursos de tecnologia da informação, e como estes alunos caracterizam um público em boa situação financeira, a grande maioria tinha acesso a aparelhos como câmeras digitais e computadores, o que assegurou a viabilidade do trabalho.

Os conteúdos curriculares envolvidos neste projeto foram pontos gramaticais que se relacionam ao passado, como os tempos verbais *Simple Past* e *Present Perfect*; a compreensão de

textos em Inglês e o intercâmbio cultural entre os alunos e as características dos países língua inglesa.

O desenvolvimento das atividades na sala participante do projeto de vídeo seguiu os seguintes passos:

- Divisão da sala em grupos.
 - A sala foi dividida em oito grupos, respeitando um número máximo de oito alunos em cada.
- Divisão do conteúdo cultural a ser trabalhado por cada grupo sendo dois grupos por década: anos 50, 60, 70 e 80.
- Sorteio do conteúdo entre os grupos e solicitação de pesquisa rápida sobre os artistas e bandas fizeram sucesso na década sorteada a cada grupo, com entrega programada para a aula seguinte.
- Entrega ao professor de ficha com os nomes dos integrantes de cada grupo juntamente com a indicação de um líder, que responderia pelo grupo durante o processo de organização das apresentações e ficaria responsável por entregar ao professor, na data determinada, o vídeo em CD-ROM ou DVD juntamente com o relatório impresso.
- Na semana posterior, os alunos trouxeram os resultados de suas pesquisas preliminares e as escolhas dos artistas para cada trabalho. Obtivemos a seguinte configuração:
 - Grupo I – Anos 50 – Elvis Presley
 - Grupo II – Anos 50 – Bill Halley and The Comets
 - Grupo III – Anos 60 – The Beatles
 - Grupo IV – Anos 60 – The Rolling Stones
 - Grupo V – Anos 70 – ABBA
 - Grupo VI – Anos 70 – Kiss
 - Grupo VII – Anos 80 – Guns and Roses
 - Grupo VIII – Anos 80 – Village People
- Uma vez apresentadas as escolhas, eles pesquisaram a biografia dos artistas, os momentos que marcaram a História no período sorteado e escolheram a canção a ser trabalhada.
- Neste mesmo dia, houve uma aula expositiva a respeito da confecção dos vídeos e todos os detalhes técnicos do projeto.
 - Foi solicitada aos alunos a criação de um documentário em vídeo no idioma Português apresentando a biografia dos artistas escolhidos e uma retrospectiva histórica do momento em que estes atingiram o auge em suas carreiras. Além do documentário, os alunos tiveram que gravar uma apresentação musical de imitação dos artistas, utilizando roupas especiais, maquiagem, efeitos de edição, instrumentos

musicais e tudo que suas imaginações pudessem criar. Foi estipulada a duração total de no mínimo cinco e no máximo dez minutos para o material em vídeo. Também foi pedido um relatório escrito em Inglês contendo todas as informações apresentadas no vídeo de forma resumida e a letra da música trabalhada. Este deveria ser impresso em no máximo duas laudas.

- Foram apresentadas as formas de gravação, que incluíam preferencialmente câmeras digitais e telefones celulares. Foram trabalhados também conceitos de iluminação para filmagem e edição de vídeos básica com o software Windows Movie Maker®, presente na maioria dos computadores pessoais que utilizam o sistema operacional Windows®, da empresa Microsoft®.
- Os alunos tiveram três semanas para desenvolver as pesquisas e os vídeos.
- Apresentação dos trabalhos em vídeo na sala de aula;
 - Três semanas após o primeiro passo do projeto, foi realizada a apresentação dos vídeos produzidos pelos alunos no telão da sala de aula. Cada grupo trouxe o material devidamente gravado em CD-ROM ou DVD, contudo um deles não funcionou corretamente em razão de um problema na conversão do vídeo e o grupo se prontificou a apresentá-lo corrigido na semana seguinte, entregando apenas o material impresso neste dia. Na semana subsequente o grupo mencionado solucionou o problema técnico e apresentou seu vídeo sem maiores complicações.
- Leitura (feita pelos alunos) dos trabalhos escritos.
- Atribuição de nota de acordo com o comprometimento no desenvolvimento global do trabalho, precisão lingüística na parte escrita, organização e relevância das informações apresentadas no documentário em vídeo e empenho na apresentação artística. Esta nota correspondeu a 30 por cento do total do bimestre.
- Apresentação dos resultados aos alunos e comentários do professor.
- Ênfase nos pontos fracos constatados através da observação dos trabalhos escritos, o que ocorreu tanto no decorrer do trabalho, como nas aulas que o seguiram.

Após a execução de todas as etapas do processo de criação e apresentação dos vídeos, os alunos de ambas as salas, em um total de 101, responderam a um pequeno questionário inspirado no utilizado por Brock (2006) a respeito da motivação para o aprendizado de ILE. O questionário possuía as seguintes perguntas:

1. Gostaria de viajar para outro país? Qual?
2. Sua família o/a incentiva a aprender Inglês? De que forma?
3. Já fez ou faz algum curso de Inglês extraclasse? Por quanto tempo? Quantas horas por semana?

4. Você se sente motivado(a) para a aula de Inglês na escola?
5. O que você entende por motivação?

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A observação dos vídeos permitiu ao professor esclarecer dúvidas envolvendo a História dos países dos artistas, o sentido da letra de algumas canções e detalhes gramaticais da língua Inglesa. Por tal motivo, este trabalho exigiu do professor uma carga de pesquisa e preparação extra fora da sala de aula.

No que se refere ao material escrito, foi possível fazer correções de pronúncia durante a leitura e utilizar os próprios textos dos alunos como fontes de exemplos para estudos de gramática.

Para simplificar a apresentação dos resultados do questionário, optei por fazer uso de gráficos contendo o resumo das respostas.

A pergunta 1 (Gostaria de viajar para outro país? Qual?) recebeu com unanimidade a resposta 'sim'. Os três países mais presentes nas respostas foram Estados Unidos, Inglaterra e Austrália, somando 49, 24 e 15 ocorrências, respectivamente. O percentual da ocorrência de cada resposta foi de, respectivamente 48,51, 23,76 e 14,85. Os demais países juntos somaram 13 ocorrências (12, 87 por cento). Estes resultados estão organizados pelo número de alunos por opção na Figura 1.

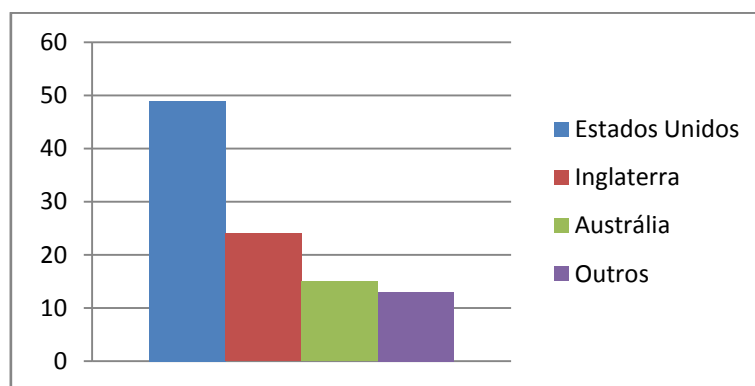


Figura 1 – Gráfico do número de alunos por país escolhido.

A pergunta 2 (Sua família o/a incentiva a aprender Inglês? De que forma?) recebeu 79 respostas 'sim' (78,22 por cento) e 22 'não' (21,78 por cento). Em relação à forma do incentivo, as respostas semelhantes mais recorrentes foram organizadas por número de alunos por ocorrência na Figura 2.

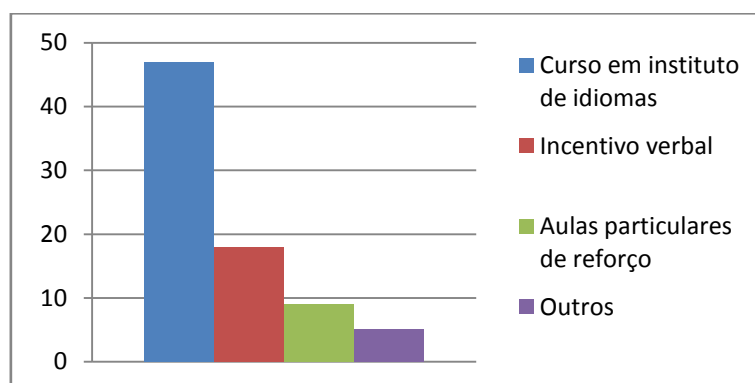


Figura 2 – Gráfico sobre a forma de incentivo da família.

A questão 3 (Já fez ou faz algum curso de Inglês extraclasse? Por quanto tempo? Quantas horas por semana?), conforme já mostrado na Figura 2, recebeu 47 respostas ‘sim’, somando 46,53 por cento dos alunos; e 54 respostas ‘não’, totalizando 53,46 por cento. Por se tratar de um colégio privado, este resultado chamou atenção, pois ficou abaixo de minha expectativa. Este valor refletiu a falta de uma cultura de estudo de Inglês na cidade. O tempo médio de estudo em curso de Inglês extraclasse foi de 2,5 anos. A média da carga horária semanal foi de 2,12 horas.

A pergunta 4 (Você se sente motivado(a) para a aula de Inglês na escola?) recebeu na sala A 45 respostas ‘sim’ (90 por cento) e 5 não (10 por cento). Na sala B o número de respostas ‘sim’ foi 32 (62,74 por cento), já o de respostas ‘não’ foi 19 (37,25 por cento). A soma global das respostas ‘sim’ foi de 77, totalizando 76,23 por cento do total; e das respostas ‘não’ foi de 24 somando 23,76 por cento. Os resultados desta questão evidenciaram o papel positivo na atividade de produção de vídeos em relação à motivação dos alunos para o aprendizado de ILE na escola regular.

A questão 5 (O que você entende por motivação?) recebeu diversas respostas, porém quatro foram mais recorrentes, as quais estão organizadas por número de ocorrência na Figura 3. Um total de 15 alunos (14,86 por cento) responderam ‘interesse em algo’, 22 (21,79 por cento) disseram ‘prazer em realizar uma tarefa’, 27 (26,73 por cento) definiram motivação como ‘um motivo para realizar uma tarefa’, e 28 (27,72 por cento) não souberam responder a pergunta. As demais respostas juntas somaram 9 ocorrências (8,90 por cento).

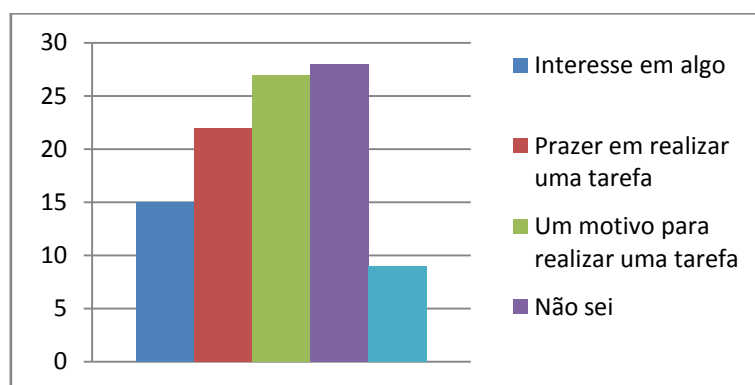


Figura 3 – Definição de motivação.

As notas de campo provenientes das observações em sala de aula mostraram uma sensível diferença no comportamento dos alunos da sala A em relação à B. No período das três semanas em que ocorreu o desenvolvimento do projeto descrito, na sala A houve menos problemas de indisciplina do que na B. A participação dos alunos com perguntas e contribuições na resolução dos exercícios propostos também foi maior na sala A. Alguns alunos da sala B questionaram com pesar o fato de não terem participado da criação de vídeos, mas compreenderam a justificativa do professor a respeito da pesquisa.

Após a apresentação dos trabalhos em vídeo na sala A, ambas as turmas participaram do processo de avaliação bimestral do colégio fazendo um teste escrito contendo interpretação de textos e a gramática dos conteúdos curriculares. A média da nota dos alunos da sala A foi 7,21, ao passo que na sala B foi 5,90.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência descrita nesta comunicação não eliminou todos os problemas de motivação durante o ensino de ILE na escola regular, entretanto, os resultados mostraram uma melhora significativa tanto no nível geral de motivação quanto nos resultados do aprendizado formal dos alunos.

Como este trabalho deu asas ao lado artístico dos alunos, muitos daqueles que não tinham intimidade com a disciplina conseguiram vencer suas limitações e mostrar habilidades que não são expostas diariamente na escola, como dança, teatro, as habilidades de tocar instrumentos musicais, cantar, narrar reportagens e entreter. Um fato interessante foi que alguns alunos, que no ambiente escolar tradicional se destacavam pela indisciplina, ao encarnarem ícones da música, como os músicos da banda *Kiss* (Figura 4), e atuarem como repórteres, mostraram muito comprometimento e satisfação.

A apreciação dos vídeos e a leitura dos trabalhos escritos elevaram a capacidade de avaliação da aprendizagem de aspectos culturais a um nível diferenciado no ambiente escolar do ensino médio.



Figura 4 – Grupo que representou a banda Kiss.

REFERÊNCIAS

BAGHIN, D. C. M. **A Motivação para Aprender Língua Estrangeira (Inglês) em Contexto de Ensino Interdisciplinar**. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, Campinas, 1993.

BROCK, M. P. S. **Motivação para aprender uma língua estrangeira e as contradições da aprendizagem de Inglês em uma escola privada brasileira**. Dissertação de Mestrado. UNISINOS, São Leopoldo, 2006.

BROWN, H. D. **Principles of language learning and teaching**. 4 ed. White Plains, NY: Pearson Education, 2000.

BROWN, H. D. **Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy**. 2 Ed. New Jersey: Prentice Hall, 1994.

DÖRNYEI, Z. **Motivational strategies in the language classroom**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

SALKIND, N. J. **Encyclopedia of educational psychology**. Los Angeles: Sage Publications, 2008.

SKINNER, B. F. **Science and human behavior**. New York: Macmillan, 1953.

WLODKOWSKI, R. J. **Enhancing adult motivation to learn**. San Francisco: Jossey Bass, 1986.

Alexandre Bueno Santa Maria
Rua Antônio Fernandes, 412 – Recanto do Lago
São João da Boa Vista – SP CEP 13874-685
Telefones: (19) 3633 3971 / (19) 9253 5504
E-mail: alebsm@hotmail.com